

Da transparencia das coisas.

Ha uma corrente anti-intelectual, de origem talvez romantica, (e de tendencia direitista), que afirma como fato indiscutivel que a vivencia é destruida pelo pensamento. Que é preciso perder-se na vivencia afim de poder sorve-la, e que quem cheira uma flor pensando em botanica ou faz amor pensando em biologia, perdera a essencia do fenomeno vivenciado. Tão forte e aparentemente convincente e tal corrente que sentimos vergonha termos que pensar ininterruptamente, (ja que somos humanos), e lamentamos nao sermos minhocas. (Embora possa ser duvidade se a vivencia da minhoca ao cheirar flores ou fazer amor é realmente muito mais intensa que a nossa, tal duvida é, ela propria, pensamento, destruidora de vivencias portanto.) Mas é perfeitamente possivel afirmar-se exatamente o contrario da tese proposta: vivencias destroem pensamentos. Tal afirmativa radicalmente idealista, (por exemplo: a vivencia do triangulo destroe o teorema de Pitagoras, ja que nenhum triangulo vivenciado é triangulo ideal), nao se opoe, no entanto, a tese vivencialista. As duas teses se completam e se implicam mutuamente, ja que ambas afirmam a distincão radical entre vivencia e pensamento. Sugerem, tomadas em seu conjunto, que podemos viver ora no mundo das minhocas, ora no mundo dos anjos. Mas como ser homem nao significa ser ora anjo, ora minhoca, mas significa ser sempre anjo-minhoca, (sem que tal fato implique na valoracao nem do aspecto angelical nem do mitico), as duas teses sao extrapolações inteiramente divorciadas da realidade humana. (Coisa incomoda para a tese vivencialista, ja que esta é desvendada tese extremamente afastada da vivencia concretamente humana). Em outras palavras: se o homem nao faz amor pensando, (inclusive aplicando tecnicas nascidas de teorias biologicas), nao o faz humanamente, e se o homem nao faz geometria imaginando pelo menos em ultima instancia coisas vivenciaveis, (inclusive uma futura applicabilidade dos resultados), nao faz geometria humana. Um amor puramente vivencial e uma geometria realmente pura estao fora do nosso alcance, portanto nao existem para nos e nao sao desejaveis.

O problema concreto portanto não é se pensamento é vivencia se destroem mutuamente, mas como por vezes se prejudicam mutuamente, e outras vezes se reforçam mutuamente. Nao portanto o problema bergsoniano: quem conhece Paris melhor, aquele que mora em Paris sem ter jamais visto um mapa da cidade, ou aquele que conhece o mapa de cor sem jamais ter la estado?, mas o problema: como influi o mapa de Paris no parisiense, e como influi uma visita a Paris num professor de geografia paulistano?. Formulado assim, o problema é concreto, e a prova disto é simples: como todo problema concreto nao admite solucao facil. Darei um exemplo para ilustrar o fato: a visita ao templo dito de Poseidon em Paestum. Descreverei a visita com cuidado, (isto é: para fenomenologicamente), e pedirei ao leitor que tire suas conclusões apropriadas, (ja que fiquei confuso demais para fazê-lo).

A carga intelectual trazida na memoria do visitante é esta: existem ao sul de Salerno tres templos doricos, construidos no seculo 6 a.C., e um deles, o

seidon, serve de ilustração a muitos livros de arte, porque é um dos templos arcaicos melhor conservados. A isto se acrescenta uma série de outros conhecimentos, (corretos e falsos), quanto a Magna Graecia, a defasagem da Magna Graecia com relação a própria Grécia, e em geral quanto a história do Mediterrâneo e da humanidade. É toda uma série de conceitos e preconceitos estéticos, característicos do intelectual no fim do século 20. Por mais que o visitante se esforce em "suspender" tal carga, ela estará sempre presente. E por mais que se esforce em mobilizá-la, afim de reforçar a vivência imediata, ela será sempre inadequada. Diga-se ainda que o visitante não caiu do céu, nem veio de Marte, mas de São Paulo, tendo visitado a Andaluzia e a Provença, (com seus restos gregos entre outros), antes de chegar a Paestum.

A vivência imediata, (mas que quer dizer "imediata", já que sempre há mediação?), e esta: a beira da estrada em planície mediterrânea próxima do Ionico, (mas com o mar invisível), na pequena aglomeração de casas recentemente construídas, que servem para vender "souvenirs" variados, (estatuas plásticas da Venus de Milo e do Presidente Kennedy), de banco a comprar dólar com 5% de agio, de venda de gelati, e tais casas cercam um edifício moderníssimo, (mais tarde revelado museu), e uma igreja que desperta interesse imediato, (mais tarde revelada igreja bizantina construída com colunas gregas). Há ainda um lugar de estacionamento para carros e ônibus de turismo. Do outro lado da estrada há uma cerca que encerra o que parece ser parque florido, e uma bilheteria. O visitante entra na fila, compra bilhete, e entra no parque. Depara com multidão de flores dispostas polícronicamente no chão e nos galhos das árvores, (visão a qual está acostumado na Europa, mas que não deixa de entusiasma-lo), e algo nele, por certo nutrido pela literatura, o faz exclamar sotto voce: O maio florido! A suave brisa vinda do mar invisível o envolve, e sente aquele bem-estar indefinível chamado "primavera" (Será isto vivência, será literatura, e será a literatura fruto da vivência, ou vivência fruto da literatura?) (E será verdade que todo poema, para ser verdadeiro poema, não é articulação de vivência, mas resposta a outro poema?) (E que dizer da poesia dita "ingenua" ou "primitiva"?) Por entre as flores depara com pedras cor de rosa, que obviamente não são naturais, mas têm a marca humana, uma marca muito antiga. (Mas porque "obviamente"? E porque "muito antigas"? Porque voltaram a naturais de alguma maneira?) São mármore, (o, poesia!), e o visitante está pisando o chão sagrado dos gregos, (o, história da humanidade, o, ginásio, o estudo de filosofia!). E na sua frente se ergue, colossal, uma estrutura de colunas pesadas e não obstante elegantes: o templo de Poseidon, (na realidade não de Poseidon, mas de divindade ignorada, como aprendeu lendo a inscrição no bilhete). A sua respiração para. Porque? Eis o problema.

A estrutura é colossal comparada com que, pelo amor de Deus? Com o Empire State, com o Banco do Estado? É muito menor, e é mais colossal não obstante. Porque? Muitas são as respostas possíveis. Mas todas vêm depois do impacto. Por causa da harmonia entre colunas e traves. Mas é preciso contar as colunas, (6 x 13, 1

to e: $n \times 2n+1$) para verifica-lo. Mas os arquitetos por certo contaram antes de construir o templo, e por certo ha harmonia tambem no Banco do Estado? Por causa da forma das colunas que engrossam de cima para baixo para estreitar de novo antes de pisar a terra. Mas e preciso ver com cuidado cada coluna em separado para verificar-se isto. E para faze-lo, e preciso ter lido sobre arquitetura grega. E os arquitetos gregos acaso nao calcularam com exatidao a forma das colunas, como o fizeram tambem, alias, os arquitetos do Banco do Estado? E por causa da sobriedade monumental da construcao, sua economia severa de ornamento e sua simplicidade, fruto de extrema complexidade. Mas nao sera tal sobriedade produto da destruicao pelo tempo, esse critico impiedoso que eliminou superficialidades? E nao sera sobrio tambem o Banco do Estado? E nao sera sobriedade preconceito estetico do seculo 20, tao diferente neste aspecto do rococo, por exemplo? E por causa da localizacao perfeita da estrutura na sua paisagem. Mas atualmente a vista pelas colunas desvenda a planicie, e é apenas a visao historica que ve as ondas do mar batendo contra os contrafortes do templo do tempo dos gregos. E acaso o Banco do Estado nao esta localizado perfeitamente? E, finalmente, por causa do espirito profundamente religioso que permitiu que toda essa inacreditavel colossalidade tenha surgido. Mas como captamos tal religiosidade? Por simpatia, ja que nao e religiosidade nossa? Arquetipicamente? E acaso nao ha religiosidade muito mais nossa, (a do dinheiro), que se articula no Banco do Estado? E porque sera a religiosidade monetaria nossa desprezivel, e a religiosidade maritima grega admiravel? Nao serao igualmente pragmaticas ou pouco pragmaticas ambas? Nao, a explicacao e mais simples: o templo e colossal e corta nossa respiracao por ser templo e por nos sabermos disto. E o Banco do Estado nao corta nossa respiracao, (a nao ser que queiramos pedir emprestimo), por ser banco. E, suspeito, o templo cortava a respiracao apenas daqueles gregos que dele se aproximavam pedindo algo, e o Banco do Estado cortara a respiracao de turistas no ano 4000 depois de Cristo. E tudo isto nao obstante: a visao do templo dito de Poseidon em Paestum e vivencia inolvidavel e muda a vida de quem passou por ela. Nenhuma quantidade e qualidade de fotografias e descricoes pode substitui-lo.

O fato concreto e simplesmente este: as coisas nao são, para nos homens, duras e opacas como a raiz de arvore sartriana, mas sao plasticas e transparentes ao pensamento. Se as transformamos, deliberadamente, em duras e opacas, provocam nausea, mas se as penetramos com nosso espirito, provocam vivencias libertadoras. Por traz das colunas do templo de Paestum se erguem, para quem quer ver, as majestosas colunas egipcias, e isto e alias uma das grandes descobertas do visitante em Magna Graecia: o quanto eram egipcios os gregos. E por traz das colunas egipcias se erguem os dolmens, (alias neoliticamente presentes na proximidade de Paestum,) e por traz deles as rochas "falicas" do paleolitico, e por traz deles aquele espirito humano que diz "nao" a circunstancia na qual foi lançado. Por esta transparencia e colossal o templo, mas tambem pela transparencia inversa. Na

frente do templo se ergue, para quem tiver olhos para ver e cultura para aplicar, a Akropolis e o Arco de Tito, a Santa Sofia e a Alhambra, a Catedral de Chartres e o Palacio de Versailles, e, porque nao?, a Torre de Eiffel e o Banco do Estado. E na frente do Banco do Estado, invisível aos paulistanos atarefados em viver, mas tornada visível a partir de Paestum, se ergue aquela alameda infindável de construções colossais a testemunhar o caminho da humanidade a partir do absurdo em busca do sentido. Esta a transparencia das coisas humanas, (e, com leve modificação, talvez também a transparencia das coisas da natureza).

Mas dito tudo isto, (e tudo isto é indubitavelmente a verdade), é preciso confessar vários fatos inegáveis. O esplendor roseo das colunas do templo ao por do sol em polga até crianças em idade incapaz de ver a transparencia acima descrita. Os turistas japonezes em Paestum terão a mesma transparencia da nossa, ou devem ir, para te-la, para Kyoto? E podemos nós ter a mesma vivência libertadora em Kyoto? E terá o construtor do Banco do Estado, (embora indubitavelmente influenciado por Paestum), a mesma vivência de Paestum que o construtor do Museu de Paestum? E quanto da transparencia é fato, e quanto é projeção após o fato? Colunas de ponte da autoestrada em construção na proximidade de Paestum não poderão ser tomadas de longe por colunas de templos, portanto por vasos da transparencia mencionada? E o próprio templo não poderá ter sido uma espécie de autoestrada no seu tempo, transformado em vaso de transparencia pela erudição da atualidade? E por que era opaco o templo e causou náusea aos medievais, mas inspirou os renascentistas italianos e os românticos alemães e ingleses? E, finalmente, não é o seguinte também a verdade: quem vê apenas a transparencia, não precisa ir para Paestum, e quem não vai para Paestum jamais saberá o que a transparencia significa?

A relação entre vivência e pensamento é extremamente confusa. Não pode haver autentica vivência sem pensamento, nem autentico pensamento sem vivência, mas é iguamente verdade que para ser vivência esta precisa libertar-se do pensamento, e para ser pensamento autentico, este precisa libertar-se da vivência imediata. A relação entre ambos é extremamente confusa, ou melhor, extremamente confusas são as considerações que este artigo propõe aos leitores. Prova da força da experiência em Paestum. Porque o que significa "mudar a vida", senão confundir conceitos preexistentes?